

AUTORRETRATO CEDRINO: EDUCAÇÃO DIGITAL COMO MEIO DE VALORIZAR A VOZ DOS SILENCIADOS

Marta Brandão Rezende CARNEIRO
Secretaria de Estado da Educação, Mineiros-Goiás
brandaocarneiro@gmail.com
Sérgio Luiz SOUZA
Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES
srgioluz@fimes.edu.br

Resumo: Neste artigo temos o intuito de expor os resultados de nossa pesquisa acerca do universo sociocultural da Comunidade Quilombola do Cedro, no município de Mineiros, estado de Goiás. Em nossa investigação objetivamos reconstruir a memória e história da Comunidade Quilombola do Cedro e, neste sentido, tivemos como ação primordial uma ação de aproximação com a comunidade, objetivando compreender o seu mundo, sua cultura, suas raízes, seus sonhos e angústias. Desta forma, uma das hipóteses foi que seria necessário construir uma relação de respeito para superar a frieza, a desconfiança e a resistência dos Cedrinos, já cansados das falas não cumpridas de diferentes agentes que ali chegaram anteriormente. Sendo assim, o objetivo primordial deste trabalho foi o *levantamento do universo vocabular* da comunidade e a construção, junto aos jovens e adultos, de seu próprio material, priorizando a linguagem de suas vivências cotidianas e os valores nestas contidos. Para, desta maneira, construirmos uma pedagogia intercultural e não multicultural. Neste caminho, conduzimos os quilombolas a descobrirem a utilidade do computador e realizarem o registro histórico da comunidade, colaborando para a elevação da autoestima e, conseqüentemente, a recomposição de sua história e cultura, aspectos negligenciados e tornados invisíveis pelos discursos hegemônicos.

Palavras-chave: educação digital; memória; comunidade quilombola.

1 - A compreensão do universo do Cedro

No ano de 2001, quando concluí minha graduação em Pedagogia pela Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior - FIMES, na cidade de Mineiros-GO, fui convidada a ministrar aulas de Informática aos alfabetizando jovens e adultos da comunidade do Cedro, o que foi surpreendentemente assimilado pelos moradores, elevando a autoestima da comunidade, fator essencial para o êxito de qualquer ação.

Propusemos, inicialmente, ensinar os aplicativos básicos de informática. No decorrer das aulas verificamos que os alunos escreviam sobre sua história. A partir daí, as tomaram novo rumo. Pedimos para que eles trouxessem materiais preparados durante a semana, na sala de aula com a professora alfabetizadora para o laboratório de informática onde eles iriam digitar. Sendo assim, começamos a receber informações inéditas da comunidade e procuramos gravar entrevistas com alguns moradores para que os professores alfabetizadores pudessem ajudá-los a digitar, em alguns casos; digitalização de fotos e trabalhos manuais também foram feitos.

A pesquisa que origina a discussão proposta passa pelo intuito de se construir um olhar mais amplo sobre a Comunidade Quilombola do Cedro, tendo a contribuição da educação digital como suporte para reconstrução da memória.

Nossa realidade de estudo, a Comunidade do Cedro, surge como um quilombo, na década de 1860, no Sudoeste de Goiás, distante 5 km do setor urbano do atual município de Mineiros-GO, ocasião em que Chico Moleque, escravo fugitivo, conseguiu comprar sua liberdade e de sua mulher e passou a instalar nessas terras um quilombo, conforme relata Silva. (SILVA, 2003).

A origem do nome Cedro é fruto da estreita relação da comunidade com o meio ambiente. Esta relação se expressa aqui em função da grande quantidade de Cedro Rosa, *Cedrela Fissilis*¹, existente na região constituída de rica vegetação, onde se encontram os mais variados frutos do cerrado como: maminha-cadela, boca-boia, mangaba, araçá, cajuzinho do campo e pequi; férteis terras adequadas às práticas agrícolas, justificando a formação de um quilombo de agricultores.

Em 1970, com a expansão do capital e ocupação dos solos pelos sulistas transformando a região sudoestina em grande celeiro agrícola, aproveitando assim os chapadões até então não utilizados para o plantio mecanizado, os cedrinos terminaram encurralados pelas novas experiências dos migrantes, em vários aspectos. Um deles diz respeito à perda de parte de suas terras e uma desvalorização de sua cultura. Processo este que podemos perceber na fala de uma depoente em nosso estudo:

Fiquei só, morando com meus pais. A solidão era tamanha que não resisti, foi aí que comecei a namorar com o Adaiton de Jesus. Depois de 5 meses que estávamos juntos eu tive mais um filho que se chama Cleiton Moraes de Jesus, depois de 7 anos resolvemos arrumar mais um filho que se chama Cleibson Moraes de Jesus. (Anesilha Moraes Pio).²

Por esta fala podemos vislumbrar a desagregação dos antigos laços de sociabilidade regidos por uma convivência comunitária de compartilhamento de riquezas de cunho material e, principalmente, riquezas de caráter simbólico como rituais religiosos e o afeto mútuo.

A bela paisagem exibida pelo cerrado, constituído de árvores retorcidas e de agradável clima, sofreu imediata modificação instalando-se, na região, novo cenário, cada vez menos bucólico.

A mecanização da agricultura provocou uma crise interna no povoado, uma vez que os cedrinos, não sabendo manusear máquinas, foram forçados a comercializar suas terras por preço abaixo do custo e, conseqüentemente, perderam seus empregos, fazendo parte, assim, dos que justificaram o êxodo rural regional.

O futebol do Cedro tinha um porém, porque os jogado trabalhava nas fazenda, não tinha como treinar todos os dias como os outro que morava na cidade. (José Antônio)

¹ O cedro é uma espécie rara, que ocorre em diversas formações florestais brasileiras e praticamente em toda América tropical. Essa árvore frondosa produz uma das mais apreciadas no comércio, tanto brasileiro quanto internacional, por ter coloração semelhante ao mogno e, entre as madeiras leves, é uma que possibilita o uso mais diversificado, sendo superada a as pela madeira do pinheiro-do-paraná (CARVALHO, 1994)

² O depoimento citado e os demais que aparecem ao longo deste artigo são de autoria dos moradores da Comunidade do Cedro; depoimentos coletados durante a realização do trabalho no ano de 2001.

Esta fala retrata muito bem a influência negativa que a perda de autonomia econômica gerou para a comunidade. No futebol, nas rodas de capoeira, nas festas; geração de problemas até mesmo na vivência da religiosidade.

Entretanto, os quilombolas lutam para se reinventarem em contato com as mudanças. O povo cedrino continua como miniproprietário de terra, pequeno criador de gado; trabalhando nas atividades agropastoris, particulares como: vaqueiro, arrendatário, parceiro e agregado e, ainda, fornecendo mão de obra no campo e na cidade, onde quase sempre a mulher exerce atividade doméstica.

Um dos fatores que contribuem para essa dependência é o alto índice de analfabetismo, uma vez que no processo de formação do quilombo não havia preocupação com a educação sistematizada; as escolas encontravam-se distantes do povoado.

Só em 1978 é inaugurada no povoado uma escola. Atualmente, conta com uma única professora que ministra suas aulas em regime multisseriado, o que limita o trabalho, comprometendo o processo de ensino-aprendizagem, o conhecimento e a história pessoal.

Para reverter esse quadro, o caminho seria revitalizar as duas salas que funcionavam no povoado, razão que ofereceria à Comunidade do Cedro o direito de não admitir que se fizessem estudos e pesquisas fora de seu meio, forçando educadores, demais estudiosos e a própria comunidade a conhecer suas particularidades culturais e riquezas ambientais, passando a reconhecer-se como negro. Nesse particular, Melo nos lembra:

O gesto para o enegrecimento não é da comunidade negra isoladamente, ele implica a valorização do modo peculiar de ser de todas as comunidades, classes, grupos, implica também o direito de cada um expressar-se à sua maneira, buscando, entretanto, compreender a dos outros. (MELO, 1988, p. 108)

A preocupação com a memória instiga a montagem desse projeto, definindo os trabalhos na Comunidade do Cedro, tendo como ação primordial a delimitação de uma proposta de aproximação da comunidade, objetivando com isso conhecer o seu mundo, sua cultura, suas raízes, seus sonhos e angústias.

Para que não ocorra desconfiança e resistência, a opção desse povo, diante do que lhe é apresentado, deve ser compreendida como uma atitude que envolve a comunidade cedrina numa admirável consciência de seus valores, concordando, nesse caso, com o historiador Martiniano:

... Enquanto se adapta aos imprevisíveis, mas injustos prenúncios da globalização, o povoado do Cedro é uma “célula viva” de representação, resistência e reprodução dos ideais de um povo que rejeita ser tratado como “objeto alienado” ... Ser tratado e estudado como ‘povo primitivo’, estranho e exótico, assunto de despiste e de curiosidade, inclusive acadêmica... (SILVA, 2003, p. 435).

2 - O processo de aproximação com a Comunidade

Os cedrinos, em sua maioria, são católicos, a padroeira da Comunidade é Nossa Senhora da Abadia, protetora do povo negro.

Na comunidade há uma capela e um salão de festas ao lado, onde já aconteceram várias missas dominicais e festas religiosas. Hoje o povo cedrino conta com um laboratório de

plantas medicinais e um salão de festas que se estende após a sala de comercialização dos medicamentos que são preparados por eles. A tradição do cultivo e uso de plantas medicinais constituiu um forte alicerce de preservação dos costumes e da identidade, o que podemos verificar na fala de Dona Nenê:

Num tempo atrás as pessoas plantavam nas vasilhas para fazer chá nas casas, cada casa tinha uma plantinha, quando precisava tirava para fazer chá. Hoje ainda usa plantar em casa, mas já tem a horta do laboratório, que serve fazer muitos remédios, muito mesmo, para o povo comprar, quem quiser saber pra que serve os remédios pode ir lá visitar o laboratório. (Armantina Maria de Jesus)



Imagem 1 - Conversas descontraídas garantem a amizade e proporcionam confiança mútua.³

As missas dominicais, os terços, as rezas são acontecimentos importantes na manutenção dos costumes e promoção de encontros entre povo, encontros que proporcionam conversas e ações importantes para além do território cedrino, como garante José Edésio:

Eu fui presidente da Associação de Moradores do Povoado do Cedro, eu gosto de ajudar a comunidade do Cedro, eu sou zelador Igreja Nossa Senhora da Abadia. Uma vez eu fui numa reza e lá eu tomei um “alícor” e arrumei oito amigos, fui para beira do rio tomar “alícor” e encontremos outros amigos. (José Edésio Pio)

³ Todas as imagens que aparecem neste trabalho são de autoria da pesquisadora Marta Brandão Rezende Carneiro.

E assim é a vida cedrina. Encontros e festas variadas. Festa de São João, danças juninas, rodas de capoeira, engenho de cana. Lugares onde estivemos presentes para conhecer o povo, seus costumes e gostos variados, para criarmos laços de amizade, exemplos de vida, de força, de coragem, de honestidade, de serviço e seguir ensinando e aprendendo.

Momentos que oportunizaram nossos encontros promovendo confiança e abertura para a aproximação, a música dançada com o Zezo, antigo morador, criador de gado, plantador de roça, cultivador de espécies; o quentão da festa de São João celebrando o momento de comunhão.

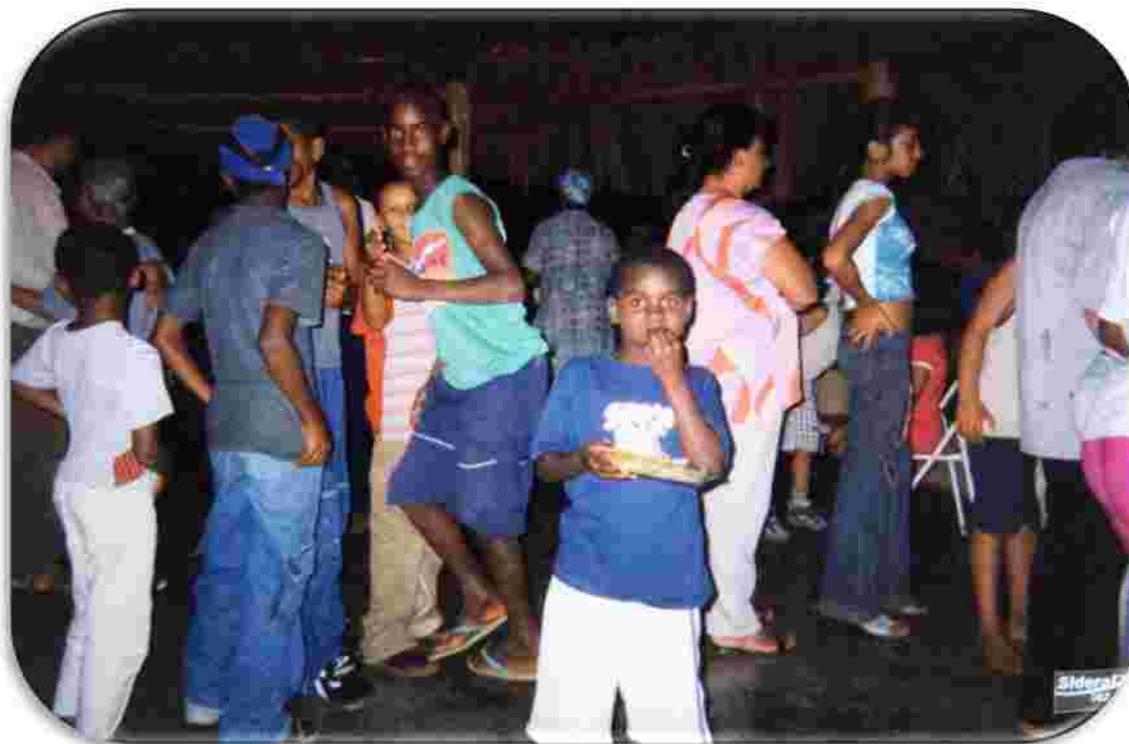


Imagem 2 – Danças e encontros alegres e produtivos.

3 - A educação digital como mediadora na superação da invisibilidade social

Desse modo, a sistematização deste artigo passa pela reflexão sobre os conceitos de educação digital e memória.

Na tentativa de conceituar educação digital, podemos nos valer da ideia de digitalização, a qual, segundo Oliveira (1999) refere-se à “transformação de informações em sinais digitais. Por exemplo, ao se digitar uma imagem, ela é transformada numa matriz de pontos” (OLIVEIRA, 1999). Além disso, podemos reunir opiniões, retiradas de *sites* diversos, objetivando nos aproximar da definição mais precisa, a fim de nortear o trabalho que se pretende realizar.

Seria, então, um processo que direciona o conhecimento ao mundo digital, influenciando na identidade cultural e social das pessoas, levando-as a adotar uma postura diferente na realização de suas tarefas. É uma oportunidade de capacitar o indivíduo para a compreensão de tecnologias digitais a seu favor e a favor do grupo onde vive. A educação digital é um processo, visando estender aos cidadãos, dente do seu capital social ou

cultural, o direito de pelo menos “ver” o computador, outros aparelhos tecnológicos, saber como funciona e usá-lo visando facilitar sua vida, contar sua história.

A educação digital, aqui tratada, visa a inserção de todas as classes sociais no uso da tecnologia da informática como meio de atingir um aprimoramento cultural, social e profissional, bem como estar inserido no contexto da nova sociedade que utiliza o meio digital, quebrando as barreiras do analfabetismo, adquirindo novos conhecimentos num curto prazo de tempo, racionalizando o trabalho, exercendo a cidadania prevista em lei, principalmente, na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).

Além das definições acima, baseadas em opinião de quem a tecnologia, podemos definir educação digital a partir da comunidade do cedro e do trabalho lá realizado em 2001, como a oportunidade dos cidadãos de contar sua história, elevar sua autoestima e melhorar a coordenação motora através do uso constante do teclado e do *mouse*.

Podemos, ainda, reforçar a importância da educação digital, lembrando Tajra (2001, p. 10), nos ensinando que o computador é um elemento inovador e auxilia na construção coletiva dos conhecimentos, integrando ao processo ensino-aprendizagem, revelando a significativa influência dessa instigante estratégia de alfabetização.

O Comitê de Democratização de Informática, em suas ações de digital, deixa claro sua proposta educacional:

A principal ferramenta é o computador, o professor é o facilitador e o aluno é o colaborador ativo. A ênfase educacional é a leitura através do pensamento crítico avaliando a interpretação, interagindo continuamente, numa relação sinérgica entre tecnologia e abordagem ensino. (Comitê para Democratização da Informática - www.cdi.org.br)

Tendo como subsídio tal referencial, propõe-se que o novo conhecimento deva ser estabelecido com base no conhecimento já adquirido pelo educando, cabendo ao professor, oportunizar a interação entre estes e com ele próprio. A relação entre o aprendido e o vivido é preocupação constante para o ensino/aprendizagem, desta forma a propõe-se a realização de um trabalho que valorize, além da leitura e da escrita a leitura de mundo, oportunizando aos educandos a narração de fatos referentes à formação de sua comunidade, aqueles que mais lhe interessam; processo definido por Magda Soares como letramento, que é “descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo (delinear o mapa de quem você é), e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser” (SOARES, 1998, p. 43).

Há de se verificar, ainda, o conceito de memória, relacionando-a a expressão de educação digital, admitindo um elo que estaria unindo expressões surgidas em épocas distintas, proporcionando objetividade e clareza nas propostas.

Nesse contexto, vale ressaltar a dimensão social da memória, segundo Halbwachs, onde o espaço para a reconstrução se opera a partir de dados no nosso espírito e no dos outros, a questão central consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Refere-se a memória individual à existência de uma “intuição sensível”. Vejamos:

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível. (HALBWACHS, 2004, p.41).

Reforçando, Le Goff lembra que a memória é inerente a perpetuação de um povo. Sendo a memória um elemento essencial que denominamos podendo, ainda, ser

individual ou coletiva, da qual a busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Visto que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. (LE GOFF ,1992, p. 477); proporcionando a liberdade necessária para que não se fique mais à margem da transformação social que vem arrastando a comunidade brasileira ao longo dos anos.

Sendo assim, importa partir do trabalho desenvolvido em sala de aula, tomando-se, como relevante, o aprendizado expandido, que está “disperso além dos muros escolares” (TAJRA, 2001, p. 10), para as aulas de educação digital que deverão fazer parte da rotina da escola e da vida, numa percepção freiriana, trabalhando temas do cotidiano da comunidade.

A liberdade deve instigar o educando à curiosidade e, cada palavra escrita, formatada, deletada, constrói-se um mundo novo, onde o indivíduo torna-se capaz de compor, recompor, decompor seu conhecimento, usando o teclado, o mouse com o mesmo desvelo que se usa o lápis, a borracha, podendo fazer comparações e associações.

Acreditando na diversidade de oportunidades, apreciando cada momento, cada descoberta, é que juntos, comunidade e professores devem lançar mão educação digital, visando o prazer em realizar tarefas que não mais estarão desligadas do seu cotidiano, fazendo significativamente parte da labuta diária, onde estar e aprender é poder olhá-lo e compreendê-lo numa interação constante entre os indivíduos.

Acredita-se que a capacidade de aceitar e respeitar as diferenças culturais é fundamental e promove o crescimento de ambas as partes. Portanto, o projeto, pedagogicamente elaborado e orientado, passará a instigar os educandos a transcreverem suas ideias, objetivo desse trabalho, podendo tê-las impressas numa diversidade de cores, tamanhos, através de desenhos ou pela simples descoberta de palavras familiares.

Na concepção de educação que norteia o presente projeto, tudo vale a pena, nenhuma palavra, nenhum sorriso ou desenho deve ser desperdiçado ou passar despercebido aos olhos do educador, que tem que fazer parte do grupo. Para tanto é imprescindível a convivência participativa onde professor e alunos falem de todas as coisas, quebrando assim a inibição, aparando arestas e criando laços de amizade sincera, interagindo, portanto, em todas as relações, constantemente.

O desafiante projeto a ser desenvolvido junto aos remanescentes do quilombo, na maioria adultos educandos, habituados à vida do campo e a uma economia agropecuária, em muitos aspectos de subsistência, é um trabalho que preocupa e fascina, pretende mostrar à comunidade e a sociedade que a tecnologia existe para nos beneficiarmos dela e não para nos tornar objetos de exploração em nome de uma ideologia neoliberal. Almeja-se que trabalhem de forma que “a memória coletiva sirva para a libertação dos homens e não para a servidão” (LE GOFF, 1992, p.477). Neste aspecto, as palavras de Le Goff coincidem com as de Freire, “onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”. (FREIRE, 1996, p. 94).

Só os seres humanos são capazes de criar e dominar recursos tecnológicos, fazendo deles ferramentas de um trabalho autêntico que parta dos interesses do grupo, passando a conceber a máquina não como a toda poderosa, a “fuxiqueira”, assim como ações humanas, o mundo digital também deve ser valorizado, o que exige que se tome consciência dos valores de ambas as partes. É como a “consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas, de outro, não a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa.” (FREIRE, 1996, p. 36)

Portanto, desvendar o mito através de orientação segura permite conceber o computador, realmente, como algo a mercê dos domínios do ser humano. Afinal, é uma invenção humana. Visto que, “nenhuma tecnologia substituirá a mais perfeita tecnologia humana” (TAJRA, 2001, p. 46). Desta forma, o povo cedreno será capaz de escrever sua memória, preservar seus costumes e não apenas aceitar que se escreve sobre ele, podendo

investir em sua autoafirmação, autoestima, na construção real da sua cultura, evidenciando um povo, caracterizado pela identidade cedrina, também tecnológica, digital.

4 - O contexto vocabular do povo do cedro: alinguagem e a reconstrução do patrimônio histórico-cultural

Observando a tradição do povo cedrino, podemos verificar que a manutenção da linguagem e dos costumes são mantidos através de variáveis diversas, seja na organização das festas, na preparação dos medicamentos, dos doces e al no orgulho de preparar receitas que são mantidas por gerações. A autenticidade, pureza e a consciência de seu território são aspectos ensinados pelos moradores da C unidade do Cedro, Dona Nenê dá a receita:

Em primeiro lugar trabalhei lá na minha horta, capinei, depois fui para casa, almocei e fiz um docinho de pêssego. DOCE DE PÊSSEGO - Limpa com sal amoníaco, na água quente, depois tira e joga na água fria, esfrega e fica limpinho, só muda a água, deixando curtir um dia ou dois. Daí ferventa ele, (não pode deixar amolecer) e coloca na calda, vai fervendo, na hora que der o ponto de fio está pronto. Fazer, de preferência, em tacho de cobre. Ferventa os vidros e deixa enxugar por si – lavar um dia antes de colocar doce. Depois põe o doce. Se quiser que ele ature muito tempo, põe os vidros de doce com a tampa bem enroscada dentro de uma vasilha de água e deixe ferver uns minutos, água abaixo da boca do vidro uns d dedos. Tira a vasilha do fogo e deixa esfriar com os vidros de doce o, depois é só guardar, ou na geladeira ou num lugar bem fresco. (Armantina Maria de Jesus)

Fora dos estereótipos racistas, as lutas cotidianas do povo cedrino resultam em importantes conquistas, em aprendizado significativo e na reconstrução da memória por ele mesmo. O fio condutor é tecido por receitas de doces, chás, que povoam suas lembranças, a cedrina Ângela é legítima em sua lição:

Tenho uma receitinha para vocês fazer quando estiver com dor de garganta. Vamos fazer um xarope de limão. Um copo de suco de limão, um copo de açúcar, cinco gramas de gengibre, cinco gramas de jequitibá, três gramas de açafraão, duas folhas de trançagem. Modo de usar: uma colher de sopa duas vezes ao dia, durante sete dias. Este foi o primeiro xarope que aprendi a fazer com minha mãe, eu tinha 9 anos. (Ângela Moraes)

Os ensinamentos passados pela mãe, renderam bons frutos, hoje Ângela é coordenadora de manipulação de remédios, trabalha com faz coleta no cerrado, além de visitar outras comunidades quilombolas, assim ela passou a se integrar e conhecer os direitos dos povos negros, pode estudar, fazer cursos, e reforçar seu conhecimento sobre a riqueza dos frutos do cerrados que podem nos oferecer remédios, sorvetes e gerar uma boa renda para a comunidade. Sonha com sua fábrica de doce a qual denominará: “Doce Lar Responsável.”

As memórias da escravidão aguça o sentido de liberdade, realça o significado das lutas pela dignidade, a consciência de seus valores, de suas riquezas e a certeza de que a cultura cedrina contribui para o crescimento e desenvolvimento do povo negro.

... A escrava embalava / O filho nascido / Mas não tinha esperança / De vê-lo crescido / Preto escravo / Ajudou a nação / Banhada em suor / De enxada na mão / Raiava o dia / De sol tão radiante / Mas a noite quem sabe / Na estrada distante / Distante de tudo / Dos entes queridos / Da terra criada / Dos seus amigos / E a preta velha / Que trabalhava tanto / Ao ver o filho vendido / Não continha seu pranto / As lágrimas rolavam / Eu seu rosto enrugado / Vendo ao longe partir / Seu filho amado / Obrigado Isabel / Quanto pranto cessou / Desde que com bravura / A Lei Áurea assinou. (Poesia de Maria de Lourdes – digitada por Ângela Moraes.)

Os moradores da Comunidade do Cedro são pessoas que tem consciência de seus valores, isso os torna, muitas vezes, desconfiados com as propostas que lhe são apresentadas e, desta forma, preferem recuar. A reconstrução da história da comunidade por ela mesma, lhe proporcionou coragem e vontade de remontar sua identidade, a sua cultura e sua história aspectos que passaram a ser vistos sob nova ótica, tecido sobre uma rede de ideias, numa “relação ao mesmo tempo de ideias antagônicas, concorrentes e complementares” (MORIN, 2000, p.84), é o que podemos verificar na voz autoral de um quilombola:

A Comunidade do Cedro se localiza no município de Mineiros, estado de Goiás e é composta por uma população de 150 pessoas, em sua maioria descendente afro-brasileiro. O seu processo de formação histórica remete ao período de intenso movimento migratório que ocorreu no século passado em busca de terra fértil, ouro e diamante. Os moradores da Comunidade são descendentes de escravos procedentes de Minas Gerais, do Triângulo Mineiro de onde foram trazidos por famílias que ocupavam a região. Os escravos foram trazidos pelos primeiros moradores do município de Mineiros, entre estes escravos encontrava-se FRANCISCO ANTÔNIO DE MORAES, conhecido como “Chico Moleque”, de quem é descendente a maioria da população do Cedro. Naquele tempo, quando casavam os filhos do coronel, cada um ganhava um casal de gente para ser escravos. Chico Moleque e sua mulher saíram na repartição, em herança para João Pantaleão e sua mulher. Ainda na condição de escravo mais ou menos em 1885, Chico Moleque comprou a posse de um pedaço de terra da fazenda Flores do Rio Verde, onde está situada a Comunidade do Cedro. Chico era um homem muito esperto, sua liberdade foi comprada, não existe homem livre sem seu pedaço de chão. Assim, meus pais e tios contavam para nós “Chico Moleque primeiro comprou a terra, depois a liberdade”, ele trabalhava até dia domingo, para pagar a liberdade dele. Com a terra a liberdade, Chico Moleque fez brotar uma comunidade que se mantém por mais de um século. Estas terras não foram vendidas, foram tomadas até no o do próprio Chico Moleque, mesmo. Quando chegava um parente do “Coronel” sem terra ou dos próprios filhos do “Coronel”, sentia que fazenda estava um pouco pequena invadia a terra, e não tinha nada para fazer, se falasse apanhava ou morria. Esta era a justa da época, no entanto quando o Epaminondas (Nonda), foi no fórum de Mineiros, ele enc ou os documentos da fazenda “Flores do Rio Verde”. Senhor Chico Moleque não tinha documento de venda de parte da terra. Agora, meus avós, pais e tios venderam, que a gente sabe disso, e também que ele vendia uns alqueires e os compradores fechavam 10 alqueires, ele não sabia ler e nem escrever, na época valia era a limitação da área porque as divisa era mais ou menos. Ao longo de sua formação, a Comunidade do Cedro sempre esteve inserida na economia regional, na qual, até a década de setenta, predominou a pecuária extensiva. Nesta atividade, os moradores do Cedro trabalhavam para os fazendeiros da região como vaqueiro, meeiro ou empreiteiro. Nesta época os

fazendeiros davam oportunidades para os empregados da plantar suas roças para que sua família não passasse necessidade. (Epaminondas Gonçalves da Silva)



Imagem 3 - O espaço, o aprendizado, o preparo dos alimentos, sabores e conversas...



Imagem 4 - ... são transformados em registros no laboratório de informática.

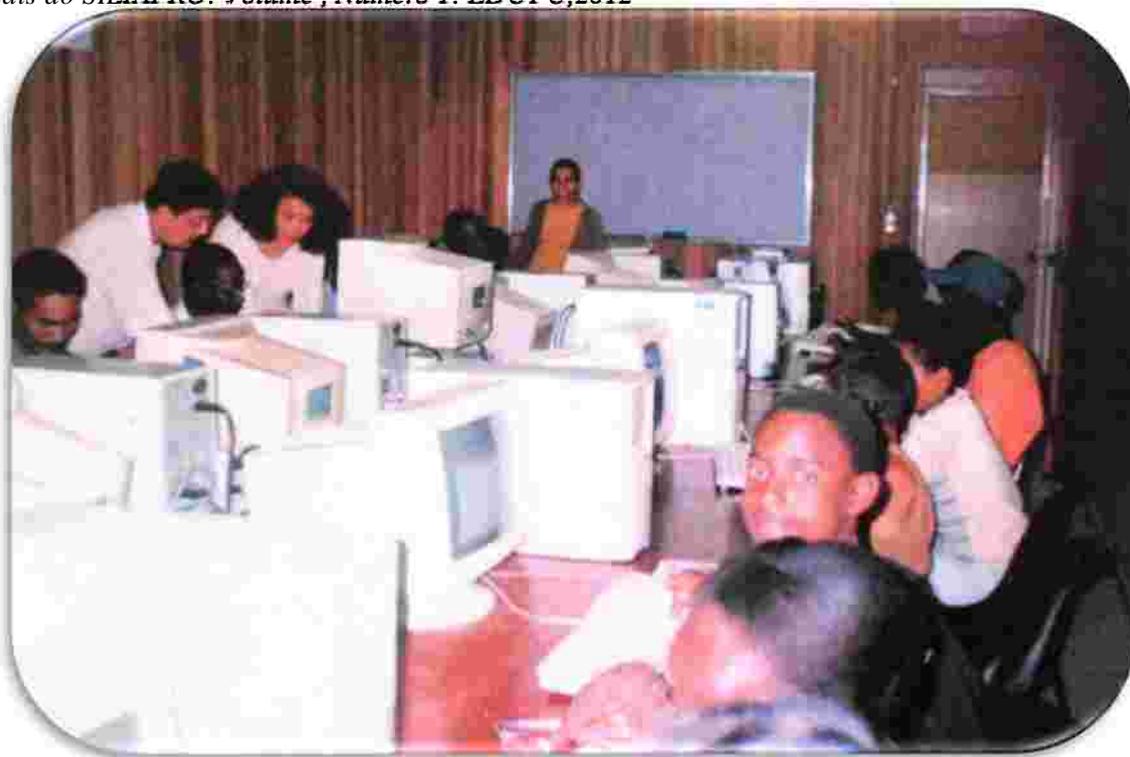


Imagem 5—O laboratório: lugar de convivência, descobertas e histórias reais.

5 - Considerações Finais

Utilizamos a educação digital como mediadora, pois entendemos que o almejado com a prática educativa embasada na digitabilidade é expressar que as novas tecnologias não devem definir os rumos e conteúdos de nossas vidas, mas nós é que devemos participar dessas mudanças e darmos sentidos às mesmas, de forma ativa. o resultado da pesquisa, conseguimos reconstituir um quadro denso de significados, permeado por uma postura crítica dos membros da comunidade, postura baseada na valorização das formas de sociabilidade, das experiências, dos saberes; enfim, de todo patrimônio histórico e cultural dos qui por eles mesmos e por estes pesquisadores. A superação da invisibilidade social e o combate a discriminação étnico-racial concretizaram-se em uma diversidade de cores e tamanhos, através de desenhos ou pela simples descoberta de palavras familiares tornadas sorrisos, (re)conhecimento de si e de seu universo de vida, identidades positivas, em uma palavra, autoestima.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, 1994. Disponível em <http://www.ipef.br/identificacao/cedrella.fissilis.asp>. Acesso em 17/set/12.

COMITÊ PARA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMÁTICA. Disponível em www.cdi.org.br. Acesso em 19/set/12.

Anais do SILIAFRO. Volume , Número 1. EDUFU,2012

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. LEITÃO, Bernardo (trad.), 3.ed., Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

MELO, Regina Lúcia Couto de & COELHO, Rita de Cássia Freitas (orgs.). *Educação e discriminação dos negros*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1988.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya (trads.), São Paulo: Cortez, Brasília, UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Renato da Silva. *Minidicionário compacto de informática*. 2. ed. São Paulo: Rideel, 1999.

SILVA, Martiniano J. *Quilombos do Brasil Central: violência e resistência escrava*. Goiânia: Kelps, 2003.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TAJRA, Sanmya Feitosa. *Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade*. 3. ed. São Paulo: Érica, 2001.